

FACES DA INTOLERÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Carolina Morais

Assistimos durante as últimas eleições presidenciais no Brasil, em 2010, um exemplo de como o marketing político e a colaboração da mídia podem afetar de tal maneira o eleitorado que uma disputa entre candidatos tornou-se uma guerra entre regiões. E questões como migração e intolerância contra o nordestino entraram em pauta como algo legítimo de discussão nas redes sociais. A disputa política trouxe à tona questões ligadas ao preconceito racial e de classe, que partiram do próprio preconceito e conservadorismo de uma fatia da população. Por meio das falas dos usuários do Twitter contra os nordestinos (a partir do dia 31 de Outubro de 2010, dia em que Dilma Rousseff foi eleita, até o final de 2011), analisamos de que maneira esse preconceito foi utilizado como estratégia política, as desigualdades sociais que foram “essencializadas” como diferenças culturais no país e a forma como os preconceitos se formam e, em determinados contextos, tomam força. Além disso, havia o intuito de entender por que a manipulação política e midiática conseguiu

com tanta facilidade levar jovens a exibir agressividade e preconceito nas redes sociais e na petição online criada pelo *Movimento São Paulo para os Paulistas*.

Desigualdades sociais e conceitos de classe têm sido “culturalizados”, ou seja, reduzidos a uma diferença cultural, natural a um grupo de indivíduos - o que também inclui um posicionamento político, como no caso dos ‘nordestinos por natureza burros’ que votaram em Dilma. Assim, as desigualdades sociais são naturalizadas no nordestino e pede-se apenas aos sujeitos que “tolerem” diferenças - que não devem ser superadas, apenas toleradas. (ZIZEK, 2007). Como sabemos, cultura não é algo ‘natural’ ao ser humano quando nasce, mas é algo que se constrói em um ambiente específico. Vem a partir do Outro, do outro e do Outrem (LEBRUN, 2010), e está constantemente se refazendo. A própria cultura inclui os signos da desigualdade, como vivências, aprendizados e memórias inscritas em um determinado ambiente. Mas isso não significa que os sujeitos inseridos em um contexto economicamente desfavorável devam se esquecer de quem são para tornarem-se outros, signos de outros significantes - como pardos que são “branqueados” ao ascenderem economicamente (FANTINI, 2012). Isso também não quer dizer que não queiram inserir-se; conectar-se à modernidade e superar defasagens econômicas e educacionais (CANCLINI, 2009).

No entanto, apenas os sujeitos que se encaixam nos preceitos da cultura neoliberal ocidental são os únicos a possuírem autonomia e liberdade individual - e isso fica acima da solidariedade e da responsabilidade social, do dever de conviver com o diferente. A dita tolerância que se prega entre diferentes povos e grupos existe apenas a partir dos preceitos da ideologia dominante - relegando outras formas de vida e pensamento ao lugar de outros a serem 'tolerados'. Isso pode ser visto em temas como a exclusão social e a criminalidade ou mesmo em relação às últimas eleições presidenciais no Brasil. Mesmo que os eleitores que votaram na candidata Dilma tenham obtido maioria nas votações, eles estão batendo de frente com a base dominante da sociedade brasileira - antigas oligarquias e conglomerados políticos e midiáticos no poder são o status quo dominante - que deslegitima o voto desses eleitores, reduzindo-os a uma massa pouco educada, preguiçosa e condescendente - "nordestinos". Mesmo que agora saibamos que, apesar de boa parte do Nordeste ter defendido maciçamente a candidata do PT, Dilma Rousseff, nem todos os estados nordestinos, como o Rio Grande do Norte, por exemplo, a elegeriam presidente. Tampouco todos os estados do Sul/Sudeste elegeriam José Serra presidente. Assim como também sabemos que, obviamente, apenas uma parte dos eleitores de Dilma estava sendo

contemplada pelos programas de assistência do governo, como o Bolsa Família e que, mesmo sem os votos do Norte e do Nordeste, ela teria sido eleita.

Então, para ser um sujeito inteligente, elegante e sensato, o eleitor não pode ser do Nordeste, não pode estar em uma situação econômica desfavorável e tem que possuir pensamentos condizentes com a ordem vigente. Ver o nordestino como um “nordestino mítico” (LOEWENSTEIN, 1968), como um sujeito preso no passado, que carrega para outras regiões suas características intrínsecas de atraso e assistencialismo é algo como dizer: “Você escolheu ser pobre e inculto, não leve isso para o resto do país”.

Como vimos, a relação com o Outrem é sempre difícil e complexa, não pode ser reduzida à tolerância, pois este valor sozinho não sustenta a complexidade da subjetividade humana.

Ao dizer que os humanos mantêm um relacionamento com seus vizinhos que envolve ódio, Lacan retomou a lição freudiana na qual a humanidade começa com um traço inicial de exclusão. Neste sentido, a humanidade não é definida por seus atributos, mas por uma rejeição inicial - cujo nome é segregação - que é a própria lógica do racismo. (FANTINI, 2012, p.5 - tradução nossa)

Zizek menciona o filósofo Etienne Balibar, segundo o qual o mundo contemporâneo é permeado de uma crueldade excessiva e não-funcional. Que vai desde atos fundamentalistas de racismo a rompantes de crueldade vazia, como os

observados em jovens. Ou seja, “[...] uma violência que não é baseada em razões utilitárias ou ideológicas” (ZIZEK, 2005, p.1 - tradução nossa). De acordo com Balibar, os argumentos de que os estrangeiros são a causa das mazelas sociais vividas nos países em crise mostram uma racionalização que esconde motivos menos aparentes. “A resposta que geralmente obtemos de um skinhead é que ele se sente bem em bater em estrangeiros, que a presença deles o incomoda” (idem, p. 1 - tradução nossa). O desequilíbrio entre o Ego e o Gozo nos mostra, segundo Zizek, um “curto-circuito” na relação do sujeito com a falta do objeto-causa de seu desejo (idem, p.1).

Zizek lança mão do ‘julgamento infinito’, de Hegel, falando de uma identidade especulativa existente nesses aparentemente excessivos e inúteis rompantes de agressividade. Trata-se de um ódio ao diferente, à alteridade, que não foi sublimado. Segundo o autor, a visão universalista de inclusão de todos em uma unidade deixa em aberto, ao elevar a posição de diferente à Coisa impossível, “a maior ameaça à nossa identidade” (idem, p.1 - tradução nossa), que deve ser aniquilada se o sujeito deseja sobreviver. Surge aí um paradoxo entre a universalidade concreta, que abole antagonismos e preconiza um mundo ‘negociado’, e seu oposto radical, com seus rompantes de violência. Sobre isso, Lacan já nos alertava.

Eu acho que, em nosso tempo, a marca, a cicatriz deixada pela evaporação do pai é o que podemos encontrar por baixo do rótulo da segregação. Nós pensamos que o universalismo, que a comunicação de nossas civilizações, homogeneiza o relacionamento entre os homens. Pelo contrário, eu acredito que o que caracteriza nosso tempo - e isso não nos escapa - é uma segregação ramificada e reforçada que produz intersecções em todos os níveis e que apenas multiplica barreiras. (LACAN *apud* FANTINI, 2012, p.5 - tradução nossa)

Esta nova ordem não dá espaço aos sujeitos de singularizarem-se, de endereçarem e sublimarem seu ódio. Daí cria-se discursos de palavras e atos vazios, no qual só o sentimento prevalece. E nos remetemos às palavras de Lebrun (2008) ao mencionar que os jovens dizem ter ódio como quem diz ter sarna ou gripe. As próprias palavras entram nessa relativização - tornam-se fofas, amorfas, perdidas - numa mostra clara de que fazem parte dos resquícios de um sujeito que não sabe para onde orientar-se, nem sabe de que serve possuir algum tipo de orientação. Atira palavras e atos no escuro, como um cego que, por não ter em que segurar-se ou ser guiado, ataca o que estiver em volta.

Zizek nos explica que a regra fundamental introduzida por Hegel é de que o excesso de objetividade e o reinado do universalismo abstrato que impõe leis mecânicas de respeito mútuo ignoram a constituição subjetiva do sujeito que se encontra envolvido neles. E esse tipo de ambiente também é propício para que o excesso de subjetividade, com seus

caprichos e irregularidades, também venha à tona. Segundo Balibar, há dois tipos de violência excessiva que, apesar de parecerem opostos, se complementam.

[...] a violência ‘ultra-objetiva’ (‘estrutural’) que é inerente às condições sociais do capitalismo global (a criação ‘automática’ dos excluídos e de indivíduos dispensáveis, desde os sem-teto aos desempregados), e a violência ‘ultra-subjetiva’ de novos fundamentalistas étnicos ou religiosos (ZIZEK, 2005, p.2 - tradução nossa)

De acordo com Zizek, o segundo tipo de violência possui sua própria forma de operar. Na qual não há nenhum respaldo teórico; está fundada no próprio discurso social e encontra como fonte de explicação ou justificativa para a violência a função paterna que se encontra deslegitimada, a mobilidade social reduzida... Ou seja, agressores sabem exatamente o que estão fazendo, e, mesmo assim, o fazem. Por conseguinte,

[...] o conhecimento simbolicamente efetivo embutido na efetiva prática social do sujeito se desintegra em, por um lado, violência ‘irracional’ excessiva sem fundamento político-ideológico e, por outro lado, impotente reflexo externo que deixa os atos do sujeito intactos. (idem, p.2 - tradução nossa).

Esse é o resultado de vivermos em uma sociedade de total livre escolha, deslegitimada, à deriva - e esta é a face principal para a “relativização” do sujeito. Segundo Zizek, o inconsciente e seus sintomas perderam sua inocência - tudo hoje é passível de interpretação, e essa interpretação

esvazia-se de sentido real, cai nas garras do imediatismo do gozo, deixando o sintoma intacto.

O que ocorre no tratamento psicanalítico é estritamente homólogo à resposta do skinhead neo-nazista que, quando pressionado por razões para sua violência, de repente começa a falar como agentes sociais, sociólogos e psicólogos sociais, mencionando a diminuição da mobilidade social, o aumento da insegurança, a desintegração da autoridade paterna, a falta de amor maternal em sua primeira infância - a unidade entre prática e sua legitimação ideológica se desintegra em violência crua e em sua impotente, ineficiente interpretação. A reemergência do bruto Real do irracional da violência, impermeável e insensível à interpretação reflexiva, é a face principal da universalidade reflexiva [...]. (idem, p. 2/3 - tradução nossa)

Zizek nos lembra que vivemos em uma sociedade na qual ninguém está no comando - não há mais Outro, Natureza ou Deus mexendo os pauzinhos em algum momento. Porém, estamos longe de sermos uma sociedade em que indivíduos coletivamente levam suas vidas livremente - há o mercado, sempre irreversível, comandando as marés. “[...] é um mecanismo impenetrável que pode arruinar os esforços de um trabalhador honesto e enriquecer um especulador corrupto. Porém, essa mão invisível nunca nos garante restabelecer a ordem e o equilíbrio quando estes falham”. (ZIZEK, 1998, p.151 - tradução nossa) Para Zizek, o problema da sociedade de risco é que ela é ao mesmo tempo muito específica e muito generalista, e ignora de que forma essa nova ordem impacta subjetivamente os sujeitos.

Para Zizek, a queda da autoridade paterna tem duas facetas: normas proibitivas simbólicas são substituídas por ideais imaginários - como sucesso no trabalho, corpo perfeito, atos infalíveis- e essa mesma falta de autoridade também dá vazão à emergência do superego obscuro, no qual o Ideal do Ego é engolido pelo Imaginário, e não mais permeado pelo Simbólico. Então o sujeito pode ser extremamente narcisista, vendo a todos os outros como uma ameaça, e cair nas graças de um superego que o ordena a desfrutar sempre, a desconhecer limites. Assim, a falta de proibição simbólica traz consigo a “superegoização do Ideal imaginário” (idem, p.159 - tradução nossa).

Essa quebra de barreiras e referências exige um limite, porém chega-se à conclusão de que a economia neoliberal “sem limites” na qual vivemos hoje cria falácias nas quais tenta-se controlar as intolerâncias, a poluição da natureza, sem chegar ao cerne da questão - que seria controlar a economia, repolitizá-la. O autor nos mostra que o que serve de motor para essa fluidez é a própria lógica do capital.

A discussão, portanto, vai muito além de um problema de intolerância - atos de preconceito também fazem referência a uma ameaça sentida pelo próprio sujeito sobre algo que possui dentro de si mesmo, a sua falta de referências, ao seu ódio que não encontra destino para transformar-se.

O próprio *status quo* e a consciência de classe são também elementos internos. Participa-se hoje do mundo capitalista como se ele não tivesse outra forma de operar, e a entrada no democratismoserve, na verdade, não para que a população possa ter voz, mas para que o mercado continue intocado, como algo onisciente e onipresente - e não algo construído e reproduzido pelos próprios sujeitos, e que pode ser modificado.

Descontentes com os problemas sociais enfrentados pelo país e pelas diretrizes políticas assumidas pelo governo, é muito mais fácil que esses jovens se unam em torno de uma supremacia branca de classe média que ignora o contexto social, político e histórico vivido pelo país em seus mais de 500 anos de existência. A própria falta de referências ou mesmo de uma forma de lidar com seus questionamentos e frustrações leva a esse ódio cego, ao qual as redes sociais conseguem tão bem servir de suporte por seu próprio caráter dinâmico, desregulamentado e que facilita o anonimato. Pudemos ver que os dizeres preconceituosos no Twitter de Mayara Petruso e de tantos outros jovens durante os anos de 2010 e 2011 apontam para tantos problemas e questões em aberto não apenas no Brasil, mas no Ocidente em geral. E nada como uma estratégia política pautada no ódio para fazer com que ele surja da forma mais natural possível, livre de qualquer culpa.

Estes jovens não estão apenas defendendo sua própria ignorância, mas fazendo dela a justificativa vazia para atos igualmente vazios. O preconceito de classe parte do desejo de manutenção de uma realidade social, de não permitir que o outro possa interpelar, atrapalhar a ordem vigente. Admitem-se apenas diferenças entre os sujeitos, mas sem levar em conta as desigualdades. Estamos diante de uma nova forma de intolerância, que não é baseada em crenças ou ideologias, mas em explicações preguiçosas que são utilizadas como argumento para que o gozo se mantenha intacto e a violência possa ocorrer. Parece-nos que, antes mesmo da intolerância, o ato violento é o ator principal da trama - o ódio vem antes da explicação, e ele tem encontrado as formas mais impulsivas e infundadas de vir à tona, de tomar corpo na realidade.

Referências

CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, Desiguais e Desconectados: Mapas da Interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

FANTINI, João Ângelo. *The “racialized other”: Affirmative actions and Intolerance*. Anais do Congresso: Psychoanalysis, Culture and Society. Middlesex University, London. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/>

doc/97464288/Handbook-2012-Abstracts-Psychoanalysis-Culture-and-Society-Centre-for-Psychoanalysis-Middlesex-University>, 2012. Acesso em 26 de jun.2012.

FANTINI, João Ângelo. *Imagens do Pai no Cinema - Clínica da Cultura Contemporânea*. São Carlos: Edufscar, 2009.

LEBRUN, Jean Pierre. *A Perversão Comum: Viver Juntos sem Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LOEWENSTEIN, Rodolphe. *Psicanálise do Anti-semitismo*, São Paulo: Senzala, 1968.

ZIZEK, Slavoj. *Class Struggles in France, Again*. Disponível em: < <http://www.lacan.com/zizfrance5.htm>>, 2005. Acesso em: 18 de jun. 2012.

_____. *The Culturalization of Politics*. Disponível em: < <http://www.lacan.com/zizek-inquiry.html>>, 2007. Acesso em: 18 de jun.2012.

_____. *Risk Society and its Discontents*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/44231114/Slavoj-Zizek-On-Risk-Society>>, 1998. Acesso em: 20 de jun.2002.